

Luís Filipe Macedo da Cunha Fernandes

Bullying e cyberbullying no Ensino Superior

**UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS**

Porto, 2021

Luís Filipe Macedo da Cunha Fernandes

Bullying e cyberbullying no Ensino Superior

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

Porto, 2021

Luís Filipe Macedo da Cunha Fernandes

Bullying e Cyberbullying no Ensino superior

Trabalho apresentado à Universidade Fernando Pessoa, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciatura em Criminologia sob orientação do Prof. Doutor Joaquim Ramalho.

Porto, 2021

Resumo

O objetivo deste estudo consiste em investigar a prevalência do fenómeno bullying e do cyberbullying no ensino superior. Quanto à metodologia a ser utilizada é a quantitativa, com a aplicação de um questionário a alunos do ensino superior das universidades do Porto (N=500). Num primeiro momento, torna-se imperativo estudar a conceptualização do bullying, do cyberbullying e suas causas. Já o segundo momento, consiste na aplicação do questionário e na análise dos resultados, para assim, dar lugar a futuros planos de prevenção e controlar o fenómeno. Simultaneamente, procura-se perceber se a comunidade académica está familiarizada com os conceitos do bullying e do cyberbullying, permitindo assim entender a perceção dos inquiridos sobre o seu grau de envolvimento nos fenómenos.

Palavras-chave: Bullying; Cyberbullying; Ensino superior; Prevalência.

Abstract

The aim of this study is to investigate the prevalence of bullying and cyberbullying in higher education. The methodology to be used is quantitative, with the application of a questionnaire to higher education students at universities in Porto (N=500). In a first moment, it is imperative to study the conceptualization of bullying, cyberbullying and its causes. The second moment consists of the application of the questionnaire and the analysis of the results, in order to give way to future plans for the prevention and control of the phenomenon. At the same time, we seek to understand if the academic community is familiar with the concepts of bullying and cyberbullying, thus allowing us to understand the perception of respondents about their degree of involvement in the phenomena.

Keywords: Bullying; Cyberbullying; higher education; prevalence.

Siglas

DL Decreto de Lei

CPCJ Comissão de proteção de crianças e jovens

LTE Lei tutelar educativa

CP Código Penal

APAV Associação de Proteção e apoio à vítima

Índice

INTRODUÇÃO	1
GRUPO I – DA CONCEPTUALIZAÇÃO À CONSAGRAÇÃO LEGAL	2
1.1. CONCEPTUALIZAÇÃO E EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO BULLYING	3
1.2. ENQUADRAMENTO LEGAL	4
1.3. TIPOS DE BULLYING	5
1.4. QUEM SÃO OS BULLIES E AS VÍTIMAS E COMO SE MOLDAM?	5
1.5. ATORES ENVOLVIDOS NO BULLYING	8
1.6. EFEITOS DO BULLYING NOS ENVOLVIDOS	9
1.7. VIOLÊNCIA E BULLYING	10
1.8. BULLYING NO ENSINO SUPERIOR	11
1.9. O QUE É O CYBERBULLYING?	13
1.10. ENQUADRAMENTO LEGAL	14
1.11. TIPOS E NÍVEIS DE CYBERBULLYING	14
1.12. COMO SE FORMAM OS CYBERBULLIES?	16
1.13. EFEITOS DO CYBERBULLYING	16
1.14. DO BULLYING AO CYBERBULLYING	17
1.15. CYBERBULLYING EM CONTEXTO UNIVERSITÁRIO	17
PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO	19
2.1. OBJETIVOS GERAIS DO ESTUDO	20
2.2. PRINCIPAIS OBJETIVOS DO ESTUDO	20
2.3. METODOLOGIA	20
2.4. AMOSTRA	20
2.5. INSTRUMENTO	20
2.6. PROCEDIMENTO	21
2.7. DISCUSSÃO DE RESULTADOS	21
CONCLUSÃO	22
BIBLIOGRAFIA	23
ANEXOS	30

Índice de Gráficos

Quadro 1 – Características do Patriarcado, Individualismo, Capitalismo, Adultismo, Racismo, Homofobia e Sexismo.....	7
Quadro 2 – Nível escolar e comportamentos.....	11
Quadro 3 – Propriedades do <i>cyberbullying</i>	14
Quadro 4 – Níveis do <i>cyberbullying</i>	15
Diagrama 1 – Tipos de <i>cyberbullies</i>	16
Figura 1 – Principal dinâmica do <i>bullying</i>	9

Introdução

O *bullying* é um fenómeno transversal aos vários planos sociais na comunhão entre os pares, designadamente em estabelecimentos de ensino, mas este pode ocorrer no trabalho e/ou em casa.

A decisão de escolher o *bullying* e *cyberbullying* no ensino superior, também em concordância com o estágio realizado, visa-se no facto de este ser uma realidade segundo vários autores estudados (Lima & Alves, 2008; Silva & Morgado, 2011), por isso, a necessidade de perceber integralmente o fenómeno torna-se imperativo, visto o impacto que ambos os fenómenos propulsionam aos envolvidos.

Com a evolução dos meios de comunicação, fenómenos como o *bullying*, outrora desconhecidos ou pouco perceptivos, ganharam relevo nas sociedades modernas, uma das causas é pela violência e efeitos causados pelo *bullying* nos envolvidos, além do avanço constante da tecnologia, da *internet*, do avanço científico das sociedades e a crescente dependência da sua utilização, devido aos seus benefícios, emergiram novos crimes, como o *cyberbullying*. Este espaço virtual, intitulado de “ciberespaço”, permite a interseção de três planos: o social, o cultural e o económico – transpondo o fenómeno conhecido do *bullying*, para o mundo virtual, penetrando assim em todas as esferas da vítima.

A necessidade de abordar as duas temáticas, embora sejam relativamente semelhantes, partiu do pressuposto, em conformidade científica, que o *cyberbullying* poderá, em determinados casos, ser uma continuação do *bullying* tradicional, permitindo assim ao agressor envolver-se em todos os planos sociais da vítima ou talvez, o *cyberbullying* pode ser a única forma de a vítima de *bullying* retaliar contra o seu agressor.

O primeiro passo para a minimização deste tipo de violência parte por conhecer o fenómeno e assumir o *bullying* como uma realidade, evitando assim negligenciar comportamentos violentos e assim proceder ao combate e à prevenção.

Grupo I – Da conceptualização à consagração legal

1.1. **Conceptualização e evolução histórica do *Bullying***

Segundo o manual da APAV (2011), o *bullying* precisa de contemplar três características que o difere de outros tipos de violência, sendo eles: 1) A intencionalidade – o ato é perpetrado de forma deliberada com o intuito de magoar a vítima, seja através de violência física, psicológica ou de forma social; 2) A Repetição contínua da violência sobre a vítima num certo período de tempo; 3) A Discrepância de poderes entre a vítima e o agressor (questão de idade, força, etc..).

O *bullying*, palavra de origem inglesa, expressa a ação de intimidar e/ou agredir alguém, sendo uma forma de violência praticada normalmente contra os pares de forma reiterada e totalmente intencional, no qual e aparentemente a vítima nada faz para desencadear tais comportamentos no agressor, apenas podem parecer mais vulneráveis e/ou frágil do que o resto dos pares (Olweus, 2003).

A discrepância encontrada entre o agressor e a vítima, seja em termos de idade, a aparente fragilidade da vítima, a força do agressor em relação à vítima ou devido ao número de pessoas agressores, fazem do *bullying* um tipo de violência específica, havendo por isso uma assimetria de poderes entre agressor-vítima que alimenta a vontade de o *bullie* continuar com as emboscadas, visto obter gratificação em controlar a vítima. (Eyng, 2011, p.100).

Embora relacionemos o *bullying* com o grupo de pares, o que significa que ambos se encontram num nível de simetria idêntico, designadamente, na percepção e com mesmo discernimento, não significa que ambos tenham as mesmas condições de poder nem de condições afetivas, transpondo assim a barreira do *bullying* para além do espaço escolar, sendo esta transversal a todos os planos sociais. Derivado da banalização de comportamentos violentos por parte dos modelos sociais, estes são também refletidos no espaço escolar (Middelton-Moz & Zawadski, 2007).

Olweus (1993), é considerado um dos pioneiros na matéria de *bullying*. O autor explica que para um aluno ser considerado vítima de *bullying*, este tem de estar exposto ao fenómeno do *bullying* repetitivamente ao longo do tempo a ações negativas por parte de outro ou outros alunos. Em 1983, o autor realizou um estudo onde conclui que cerca de 15% da amostra (N=130.000) entre os 8 e os 16 anos, estavam envolvidos no fenómeno do *bullying* e que em cada 7 estudantes, 1 era uma potencial vítima ou agressor e que 9% eram vítima e 7% eram agressores. Já em 1989, o fenómeno da violência nas escolas

chamou a atenção do conselho Europeu, que apelou à paz nas escolas. O seu questionário foi, entretanto, adaptado em diversos países, incluindo Portugal.

Inicialmente, o “*Mobbing*” surge com a necessidade de pautar a violência aquando praticada por mais do que um agressor sobre a mesma vítima, com a mesma finalidade do *bullying*, como por exemplo, agressões físicas e verbais, extorsão, difamação e entre outros, assim como o *bullying*. Este tipo de violência é também aplicado em contexto laboral (Rojo & Cervera, 2005). Mas em 1998, Olweus optou por usar a palavra Bullying para ambos os casos, visto que “*mob*” faz referência a um grupo, ou ataque em grupo.

E segundo Eyng (p.101), o “*Mobbing*” está mais presente em faixas etárias superiores, nomeadamente, jovens e adultos que procuram “afirmação” e o sentimento de pertence ao seu grupo, optando por realizar ações e comportamentos que vão fomentar os valores e a sua presença no grupo.

1.2. Enquadramento legal

O código penal português prevê, no artigo 143º, a tipificação do crime de contra a integridade física, com a moldura penal de até 3 anos ou pena de multa. Este artigo por si só não completa os requisitos do *bullying*, visto que esta previsão se trata de uma ação isolada e não de um comportamento violento praticado reiteradamente, como é o *bullying*. Se este artigo do código penal visa apenas ser aplicado a partir dos 16 anos, visto ser a idade para se responder perante a justiça, as agressões recorrentes por parte de um agressor para com a vítima, não estão descritas neste artigo, o que o torna incompleto para enquadrar o *bullying* no artigo 143º.

Já em tenra idade, até aos 12 anos, qualquer tipo de ação que seja praticada e esteja prevista no Código Penal, não leva a qualquer reação penal por parte da justiça e o caso é encaminhado para a CPCJ.

Nas idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos é aplicada a Lei Tutelar Educativa, com a finalidade de reeducar o jovem para o direito (Artigo 1º da LTE).

Em idades compreendidas entre os 16 e os 21 anos, estes beneficiam de um regime especial (DL nº401/82), evitando assim o contacto precoce com o sistema penal.

1.3. Tipos de Bullying

Segundo diversos autores (Pereira, 2002; Neto, 2005), podemos dividir o *bullying* em duas categorias, designadamente o *bullying* direto e o *bullying* indireto.

O *bullying* direto é aquele que engloba qualquer tipo de agressão física e verbal, designadamente: chamar nomes, ridicularizar, agredir, roubar, puxões de cabelo, sendo este o mais perceptível em relação ao *bullying* indireto, que consiste numa “violência relacional”, designadamente atos como difundir boatos, rumores, difamação, sendo por isso mais subtil do que o direto (Neto, 2005; Olweus, 2013).

Por norma, o sexo masculino tende a perpetuar violência verbal contra ambos os sexos de igual modo, já o sexo feminino tende a perpetrar contra o mesmo sexo (Lagerspetz & Kaukiainen, 1992).

Apesar da violência física deixar marcas visíveis no corpo e ser a mais fácil de se identificar como uma violência sofrida, não significa que estas sejam mais graves do que as outras em termos longitudinais, daí salientar que quaisquer tipos de violência vão causar traumas na vítima, ainda que muitas vezes não seja visível (Amado & Freire, 2002).

1.4. Quem são os bullies e as vítimas e como se moldam?

Segundo a literatura, os *bullies* começam a ser moldados desde idades muito precoces e podem permanecer na idade adulta, isto porque, seja em contexto familiar e/ou escolar (Shaffer, 1996), as suas atitudes e comportamentos não tiveram a intervenção necessária ou então desajustada dado ao tipo de comportamento, designadamente em termos de regras e limites impostas pelos supervisores, levando a que as ações do *bullie* fiquem enraizadas e que se torne cada vez mais difícil alterar o padrão comportamental (Rochex, 2003).

Segundo Middelton-Moz e Zawadski (2007), os *bullies* possuem pouco autoestima e empatia e usam a raiva e a arrogância como forma de se defenderem em contextos onde ocorra interação social, visto não terem desenvolvidos formas de comportamentos adequados para as situações vividas. O que torna o *bullie* num desajustado e vulnerável em termos sociais, visto também não saber reagir nessas mesmas situações, tornando-o ainda mais arrogante, sendo uma forma de se proteger.

Todavia, o *bullying* consiste em uma forma de o agressor expressar o seu desajustamento (em todos os planos) por meio da agressividade (Matos, 2009).

Consequentemente, os *bullies* tentam exercer uma força sobre a vítima ou o seu alvo, de forma a sentir alguma segurança, para isso, ridiculariza, rebaixa e ataca a autoestima da vítima, acaba assim por criar algum desconforto na vítima, acabando por a destruir e assim permitir que o *bullie* se apodere dela. O agressor persente algum tipo de vulnerabilidade na vítima, seja fisicamente, emocionalmente, socialmente ou mentalmente, tornando-a assim um alvo que o *bullie* quer dominar e a reação da vítima a esses comentários ou comportamentos do agressor, vai ser fulcral para a continuidade das agressões, como por exemplo, se a vítima se rir, não valorizando os atos e se tiver segura de si mesma perante os comentários do agressor, é provável que ele pare por ali, pois em certa parte não consegue abalar o seu alvo, ao contrário, e se a vítima chorar, ficar zangada, é provável que este volte a atacar (Glatzer, p.21).

Já segundo Glatzer (p.25), existem comportamentos e certos traços de personalidade típicos dos agressores, designadamente em relação aos demais pares, como fumar, ser popular, mostrar agressividade, faltar às aulas, vandalizar propriedades e ao contrário de outros autores e segundo a realização de testes de personalidade, os agressores tem uma elevada autoestima.

Entre o alvo e o agressor, existem certas parecências, como o facto de muitas vezes ambos testemunharem violência entre os pais ou serem alvos destes, o baixo rendimento escolar e ambos possuem mais probabilidade de consumir substâncias na idade adulta (Glatzer, p.27).

Outro ponto fundamental para perceber como se molda o agressor e como se cria a vítima, prende-se no facto de discursos e/ou valores que moldam o indivíduo em si, tornando-o mais ou menos vulnerável ao fenómeno do bullying e que afetam o seu dia-a-dia. como demonstra o seguinte quadro:

Quadro 1 – Características do Patriarcado, Individualismo, Capitalismo, Adultismo, Racismo, Homofobia e Sexismo.

Fonte: (Beaudion, 2006)

Patriarcado	Individualismo	Capitalismo	
<p>Efeitos sobre as mulheres:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Concentrar-se nas necessidades dos outros; • Sacrifício; • Fazer a gentileza de ser delicada; • Ter boa aparência, mesmo em uma situação de desconforto ou de doença; • Ser uma boa cuidadora; • Expressar emoções. <p>Efeitos sobre os homens:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ser durão/forte; • Ser independente; • Não demonstrar sentimento/emoção; • Sentir-se desconfortável com o afeto e a proximidade; • Concentrar-se na ideia de ser o melhor em algo; • Desligar-se dos sentimentos de medo, de dor, de atenção aos outros, etc. • Ter interesse por desporto; • Agir como um protetor. 	<ul style="list-style-type: none"> • Concentrar-se nos direitos e nas próprias necessidades; • Alcançar o sucesso pessoal; • Enfatizar a privacidade; • Lutar para ter o que precisa; • Entender os problemas e os sucessos como se situassem dentro dos indivíduos; • Ter um vínculo mínimo com familiares, parentes e antepassados; 	<ul style="list-style-type: none"> • Concentrar-se no sucesso, definido pela propriedade material ou financeira; • Operar em um ambiente de comparação, de competição e de avaliação dos desempenhos; • Dicotomizar as pessoas; • Dicotomizar as pessoas como vencedoras e perdedoras; • Criar hierarquias; • Permitir a exploração de recursos, pouco considerando as implicações no meio ambiente; • Enfatizar os ganhos futuros em detrimento ao atual momento; • Dar mais valor ao fazer do que ao ser. 	
	Adultismo		<ul style="list-style-type: none"> • Ter como crença: os adultos têm o direito de gritar, mas as crianças não; as crianças raramente ganham o poder de tomar decisões; raramente dá-se a chance de as crianças se expressarem opiniões; os adolescentes rebelam-se e não sabem o que pensar ou o que querer, já que a ordem é sempre escutar.
	Racismo, Homofobia, Sexismo		<ul style="list-style-type: none"> • Gerar uma falsa ideia de posse e de superioridade de um grupo em relação ao outro; desenvolver uma intolerância em relação às diferenças; • Tornar invisíveis os valores e a riqueza da diversidade; • Gerar o ódio a si mesmo e a falta de autoconfiança nos grupos oprimidos; • Lutar pelo poder, o que pode incluir a violência; • Sofrer medo, isolamento, desconfiança; • Ter crenças limitadas, estereotipadas;

Os princípios e valores supramencionados moldam o indivíduo e condicionam a sua forma de pensar e agir diariamente, contribuindo assim para que o indivíduo crie uma intolerância aos demais que demonstrem valores diferentes, erguendo-se uma muralha

que bloqueia a socialização, a aceitação, a diversidade cultural, condicionam as opções individuais e promove estereótipos, gerando conflitos e violência.

Certos valores são incutidos desde muito cedo, não apenas pelos pais, que como sabemos são um modelo forte que as crianças vão imitar, mas também por toda a sociedade que consciente ou inconscientemente exibem comportamentos considerados típicos de um homem ou de uma mulher, servindo assim como modelo (Bronfenbrenner, 1996).

Outro ponto fulcral engloba os *media*, jogos de computador e músicas. Existe as duas faces da moeda: alguns autores acreditam que estes desempenham um papel importante na existência de violência, já outros não. Poderá ocorrer que estes exerçam uma força maior naquelas crianças ou jovens que já possuem uma predisposição para a violência, atuando como um reforço, visto que vários jovens podem consumir as mesmas séries, jogos ou filmes e não os interiorizam como um modelo a seguir (Glatzer, 2009).

1.5. Atores envolvidos no Bullying

Na ocorrência de comportamento que são considerados bullying, deparamo-nos com três principais atores, designadamente, a vítima, o agressor e os espetadores.

Abordando a questão e a importância dos espetadores, saliento o facto de como o seu comportamento, mesmo que aparentemente não estejam envolvidos no conflito em si, que fora provocado por um terceiro (agressor), estes promovem positivamente o comportamento do agressor, visto que a falta de uma posição firme na repulsa contra os atos do agressor, faz com que as suas ações sejam reforçadas e que o *bullying* continue a ser praticado de forma reiterada e deliberada (Boulton & Smith, 1994). Além dos espetadores, a discrepância de poder entre o agressor e a vítima, realçam intrinsecamente o comportamento do *bullie*, que o torna impune em relação ao frágil comportamento demonstrado pela vítima.

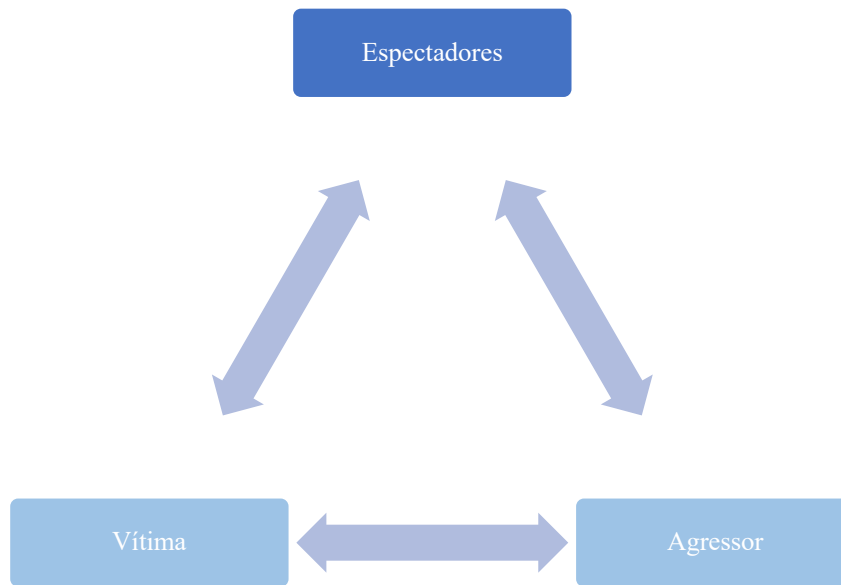
Realço o papel do espectador devido ao facto, de este como interveniente, ainda que indiretamente, consiga quebrar este ciclo vicioso perante a vulnerabilidade da vítima e assim se consiga combater precocemente o problema do *bullying*, apesar deste também ter medo de represálias se atentar contra o agressor.

Toda esta dinâmica vai fortalecendo os atos do agressor, nomeadamente consoante o impacto que as suas ações exercem sobre os espectadores e sobre a vítima

em si, acabando este por se sentir mais valioso e capaz, frutificando assim a sua carreira como *bullie* (Carvalhosa, 2010).

Além dos principais, temos ainda os seguidores, os defensores e os apoiantes. Os seguidores aliam-se ao agressor, os apoiantes apoiam e incentivam o comportamento do agressor e por fim, os defensores são elementos do grupo da vítima que tentam apoiar e defender a vítima.

Figura 1 – Principal dinâmica do bullying.



1.6. Efeitos do bullying nos envolvidos

Os efeitos do *bullying* afetam todos os envolvidos que estejam neste contexto de violência, a salientar a vítima que vive aterrorizada e amedrontada, onde esta vê todos os planos da sua vida prejudicados, como o familiar, profissional, as relações com os pares e a sua própria saúde mental e física, desencadeado pelo fenómeno do bullying (Hazler, 1996).

Devido aos acontecimentos repetitivos de que a vítima é exposta à violência, neste caso o bullying, o seu rendimento nas diversas áreas vai ser prejudicado, o resultado será um declive na sua avaliação escolar, dificuldade de concentração e aprendizagem e a longo prazo poderá torna-la agressiva e antissocial, por isso, o *bullying* vai ter impacto em todos os planos sociais e profissionais do indivíduo (Pereira, 2002).

Visto que a autoestima da vítima é fortemente abalada, existe a probabilidade de esta continuar a ser vítima, derivado da sua perceção de vulnerabilidade que

posteriormente irá exteriorizar o seu abalo que funcionará como um reforço ao comportamento do *bullie* (Middelton-Moz & Zawadski, 2007).

Como mencionado, o *bullying* tem como característica própria a repetição do ato de violência contra os pares, e devido a essa repetição que se prolonga no tempo e no espaço, a vítima poderá acarretar traumas para sempre, sendo que o que vai variar é a forma de como a vítima digere esse trauma, incluindo por isso características próprias do indivíduo, como o seu nível de autoestima e também o apoio familiar e da própria instituição, que nunca deverão ver a vítima como a causa dos problemas, mas sim o agressor (Baene, 2006).

Estas vítimas, por vezes, acarretam estes traumas devido ao tempo que ficam expostas ao *bullying*, sem que ninguém se aperceba ou então os negligencie, achando apenas que estão perante certos comportamentos considerados normais entre os pares, como desentendimentos ou pequenos atritos (Middelton-Moz & Zawadski, 2007).

Num plano mais obscuro, as vítimas expostas ao *bullying* durante um determinado tempo começam a ficar deprimidas e poderão mostrar tendências suicidas (Olweus, 1998).

Não obstante, tanto a vítima como o agressor precisam de ajuda, por um lado, a vítima necessita de apoio para ultrapassar todos os traumas e experiências negativas que lhe foram perpetradas pelo agressor e que esta volte a recuperar a sua autoestima, por outro, para que seja possível reeducar o agressor e que lhe seja incutido novas possibilidades, designadamente, em termos comportamentais (Ballone & Moura, 2005).

1.7. Violência e bullying

Segundo Olweus (1993), o *bullying* pertence a uma subdivisão de comportamentos agressivos que são perpetrados entre pares e que necessitam de preencher determinados requisitos para determinar certo comportamento como *bullying*, isto é, uma ação isolada que envolva comportamentos agressivos entre pares, não significa que estamos perante *bullying*, visto ser necessário que esse comportamento seja repetitivo ao longo do tempo, voluntário e que aparentemente, exista uma assimetria de poderes entre agressor-vítima (APAV, 2020). Se tais determinantes não se verificarem, podemos estar perante apenas uma agressão entre pares, fruto de um escalamento de conflitos que, por exemplo, resultou em um ato de violência, distinguindo-se assim do *bullying*.

Devido à interação entre os próprios pares (sejam crianças, adolescentes, jovens ou adultos), certo tipo de atitudes e comportamentos resultantes dessa interação, comportamentos como o *bullying* podem não ser evidentes e por isso são ignorados, passam despercebidos ou são entendidos como um ato isolado derivado desse convívio.

Dito isto, a indiferença por parte dos atores no meio onde ocorrem tais violências que são interpretadas como um fruto do relacionamento entre os pares, leva-nos a generalizar a violência, explicitamente, o *bullying*, que passará a estar enraizado no ambiente escolar (Maidel, 2009).

1.8. Bullying no ensino superior

Segundo descrito por vários autores em suas pesquisas, é sabido que o fenómeno do *bullying* é mais frequente e tende a prevalecer com mais intensidade em instituições de ensino básico e fundamentais e que este decresce no ensino superior (Fernandes & Seixas, 2012). Com isto não significa que este não esteja presente na vida adulta, designadamente no ensino superior, apenas e segundo os autores (Silva & Morgado, 2011), estamos perante um *bullying* do tipo indireto, como supramencionado, relacionado com o *bullying* relacional, onde existem atos como difundir rumores ou a exclusão de pares, sendo uma prática mais subtil de *bullying* – o que ocorre é uma mudança na arma utilizada, onde a linguagem ganha terreno sobre a violência física.

Outros autores acreditam que o fenómeno vai além do *bullying* relacional e dizem que as vítimas do ensino superior sofrem de racismo, pelo curso que frequentam e por apresentarem baixas condições económicas (Lima & alves, 2008).

Quadro 2 – Nível escolar e comportamentos típicos

Fonte: (Middelton-Moz, 2007)

Nível escolar	Comportamentos típicos
1º ao 5º ano de escolaridade	Reinam agressões físicas como empurrões, rasteiras e ofensas verbais.
6º ao 9º ano de escolaridade	Agressões físicas e verbais, furtos, roubos, intimidação e caracterização pessoal quanto à roupa utilizada e situação socioeconómica.
Ensino secundário e Superior	Os comportamentos supramencionados continuam, com o acréscimo de comportamentos mais subtis (como espalhar boatos e exclusão), sendo igualmente perversos, são igualmente nefastos para a vítima.

Ao contrário do *bullying* praticado em níveis de escolaridade menores, na adolescência e na idade adulta os alvos são escolhidos, seja por causa da etnia, orientação sexual ou então relativamente ao seu peso ou forma de vestir (Eyng, p.106).

E como mencionado por Cardoso (2009), a violência é usual acontecer onde existe uma maior diversidade cultural, abrindo espaço para preconceitos e intolerâncias.

Segundo os estudos realizados por Silva e Morgado (2011), demonstram, ainda, que no ensino superior o preconceito, os estereótipos e a intolerância para com os demais está visivelmente presente e apontam para a necessidade de intervenção, para que os alunos desenvolvam competências nessas matérias.

Já na visão de Lima e Alves (2008), a autora menciona o racismo, as baixas condições socioeconômicas, a área de estudo dos diversos alunos como uma realidade na universidade e salienta o facto de este ser tão nocivo como o *bullying* que geralmente ocorre entre os pares de níveis de ensino mais baixos, provocando por isso os mesmos efeitos, como por exemplo os maus resultados escolares e/ou a baixa autoestima.

Outro estudo realizado por Chapell et al. (2004), onde aplicaram o questionário a 1025 alunos do ensino superior, de Olweus designado por (*Revised bully/Victim Questionnaire*), concluíram que cerca de 25% da amostra, observava ocasionalmente alunos a serem intimidados, cerca de 3% observava frequentemente, 5% haviam sido ocasionalmente vítimas de agressão e cerca de 1% eram vítima frequentemente.

Posteriormente, pelo mesmo autor, realizaram uma investigação com vista a perceber a continuidade entre ser agressor, vítima e agressor-vítima (N=119), desde o 1º ano de escolaridade até à universidade. Concluíram que 21% dos inquiridos tinham sofrido de *bullying* nos anteriores níveis de escolaridade, já 72% dos estudantes que foram vítimas na universidade, tinham sido anteriormente intimidados nos anos anteriores, cerca de 54% foram agressores na escola básica e secundária. Por fim, cerca de 42% de agressores-vítimas na universidade, mantinham o mesmo padrão nos outros níveis de escolaridade. Portanto, existe um nexo de ligação entre ser vítima, agressor e agressor-vítima nos demais níveis de escolaridade.

Num estudo realizado por Albernaz et al. (2017), para perceber a opinião dos estudantes universitários sobre a possibilidade de existir ou não *bullying*, foi implementado um inquérito a 56 alunos do ensino superior com apenas as possíveis respostas – “sim”, “não” e “outra opinião”, entre os 56 participantes, 80% referiu que sim.

No mesmo inquérito, inquiriu-se os participantes com a seguinte pergunta: “Já presenciou *Bullying* no Ensino superior”, sendo que 25% admitiu ter presenciado na instituição atual onde estudava, 23% respondeu que já tinham presenciado na atual e também em outra, 16% admitiu que somente em outra instituição, 32% da amostra não respondeu à questão e 4% tinham outra opinião.

Podemos assim, assumir que segundo a opinião dos participantes, existe *bullying* no ensino superior. No mesmo estudo, juntamente com os métodos quantitativos, o autor aplicou também um método qualitativo, designadamente as entrevistas e revelou-se que segundo a opinião dos entrevistados, os grupos criados pelos pares, como a exclusão de colegas, parecem ser uma problemática ou que pelo menos causa algum desconforto, alguns relatam que “o grupo fica no fundo da sala a rirem-se”, “Ele fica sempre excluídos dos grupos de trabalho” (Teixeira, 2001).

Estes relatos transmitidos pelos inquiridos, demonstram que o bullying indireto, ou seja, o “*bullying* relacionar”, é aquele que mais prevalece no ensino universitário, assim como também evidencia a investigação científica. Mostra assim que o *bullying* é um fenómeno transversal a todos os graus de ensino (Silva & Morgado, 2011).

1.9. O que é o Cyberbullying?

Assim como o *bullying* e segundo alguns autores, para estarmos perante o *cyberbullying*, é necessário preencher os três requisitos tradicionais conhecidos: é um ato deliberado, repetição do ato e existe uma discrepância de poderes (exemplo: a vítima pode não ter tanto conhecimento informático, o que torna mais vulnerável). O que o difere do *bullying*, é que o *cyberbullying* é praticado através das Tecnologias de Informação e comunicação (Amado, 2009).

Na visão de alguns autores, estes explicam o *cyberbullying* com a definição de *bullying* relacional (Olweus, 1993) – inclui rumores, difamações, sendo por isso um comportamento mais dissimulado e oculto, infligindo dano emocional ou psicológico na vítima através de meios indiretos (exemplo: espalhar rumores), sendo por isso menos perceptível e a vítima não consegue retaliar contra o agressor (Olweus, 2003).

Com a evolução das novas tecnologias e com a crescente utilização das mesmas, torna-se imperativo a sua utilização, facilitando-nos o dia-a-dia nas diversas tarefas e também no âmbito da interação social, em que a socialização passa a ter um papel importante no mundo virtual (mensagens instantâneas, facebook, WhatsApp, etc),

deparamo-nos assim com um novo tipo de violência: o *Cyberbullying*, resultado do mau uso por parte dos utilizadores, onde estes praticam *bullying* através das TIC, que apesar de ocorrer no espaço virtual, tem impacto nos diversos domínios na vida da vítima (Aricak, 2009).

O *cyberbullying*, assim como o tradicional *bullying* apresentam diversos problemas para estado físico e psicológico da vítima (Schenk & Fremouw, 2012).

Desde a evolução das TIC, que se verifica o aparecimento deste tipo de violência, nomeadamente, o telefone fixo, com o surgimento de chamadas anónimas com o intuito de ofender verbalmente o recetor da chamada. Posteriormente, o uso simultâneo da *internet* e do telemóvel ganharam terreno sobre o telefone, devido à evolução das próprias TIC (Patchin & Hinduja, 2006).

1.10. Enquadramento Legal

Quanto ao enquadramento legal do *cyberbullying* no código penal, este poderá ser enquadrado na burla informática e nas comunicações (Art. 221º do CP), na Devassa por meio de informática (Art.193º) e/ou pela violação de correspondência ou de telecomunicações. Já a lei nº109/2009 de 15 de setembro, relativa à lei do cibercrime, visa estabelecer disposições penais materiais e processuais no domínio do cibercrime, não existe por isso uma lei específica quanto ao *cyberbullying*, o que nos leva a remeter as ações tipificadas como crime, no âmbito no cibercrime, de igual forma como no *bullying* que não descreve a reiteração do ato.

1.11. Tipos e níveis de cyberbullying

Segundo Chisholm (2014), o *cyberbullying* poderá ser perpetrado por os diversos meios tecnológicos conhecidos, como e-mail, redes sociais, telemóveis, jogos online, etc.

Os seguintes quadros, descrevem os níveis e propriedades do *cyberbullying*:

Quadro 3 – Propriedades do cyberbullying

Fonte: (Pinheiro, 2009)

Propriedades do cyberbullying	Descrição
gráfica	Uso de imagens
Verbal	Uso da linguagem
Psicológica	Uso de dados sobre a vítima

Quadro 4 – Níveis do cyberbullying

Fonte: (Pinheiro, 2009)

Níveis de cyberbullying	Descrição
Nível 1 – Perpetrado exclusivamente através da internet	Ocorre de forma espontânea com vista a humilhar a vítima.
Nível 2 – Bullying e cyberbullying	Primeiramente é perpetrado o bullying e o cyberbullying aparece como uma continuação.
Nível 3 – Do bullying para o cyberbullying	1º O Agressor agride a vítima para posteriormente partilhar por MMS ou pela internet, possíveis fotos da agressão. Ou, 2º O agressor agride e grava a agressão com a finalidade de a partilhar na internet. (ex. Youtube, facebook)

Além da propriedade e dos níveis de *cyberbullying*, podemos fazer distinção quanto à sua tipologia, composta por 8 tipos de agressões: 1) *Flaming* – consiste no uso de linguagem hostil e ofensiva na internet; 2) *Harassment* – consiste no envio constante e infundamentado de mensagens ofensivas não desejadas; 3) *Impersonation*- Enviar conteúdo ofensivo a uma pessoa, fazendo-se passar por outra pessoa; 4) *Denigration* – Denegrir a reputação de uma pessoa; 5) *Trickery* – Fazer com que alguém revele algum segredo para posteriormente o partilhar; 6) *Outing* - Partilhar segredos ou informações constrangedoras sobre alguém 7) *Exclusion* – Excluir uma pessoa de forma deliberada de um grupo online; 8) *Cyberstalking* – consiste em perseguir e/ou assediar repetitivamente uma pessoa online (Willard, 2005).

Alguns estudos, como o de Ortega (2009), demonstram que cerca de 25% dos estudantes sofreram de *cyberbullying* pelo menos uma vez por semana e outros 25% sofreram algumas vezes.

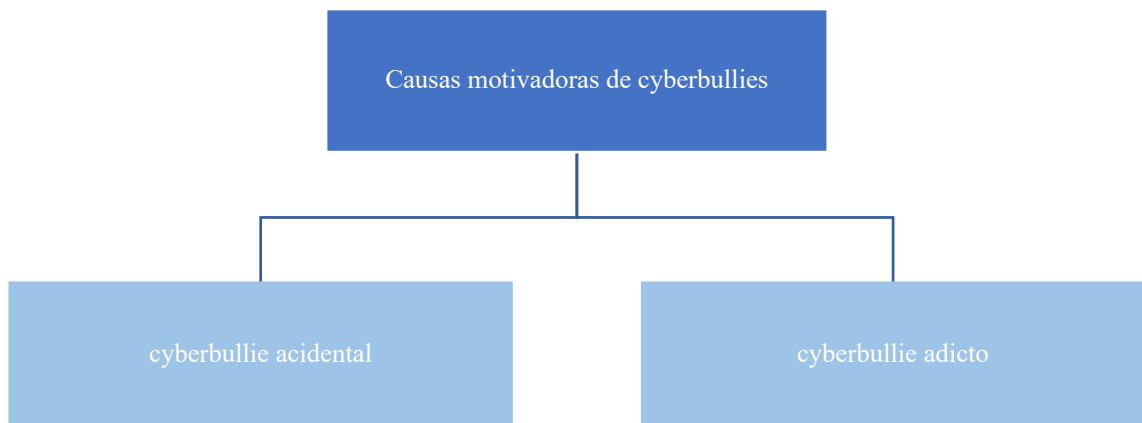
Devido ao cume da agressividade ser atingido durante a adolescência, somando da experimentação de novas situações sociais e alterações biológicas, constituem umas das razões pelo aumento de violência nas escolas e por isso, tende a decrescer no ensino superior (Li, 2007).

1.12. Como se formam os cyberbullies?

Segundo a literatura científica, existem dois tipos de causas que podem formar um possível *cyberbullie*, como mencionado no seguinte diagrama:

Diagrama 1 – Tipos de cyberbullies

Fonte: (Pinheiro, 2009)



Quanto ao grupo dos *cyberbullies* acidentais, estes são caracterizados por não terem consciência das suas ações sobre a vítima, agem por gozo ou por meio de vingança. Para isso, usam o anonimato no ciberespaço, como a criação de perfis falsos e normalmente gozam e usam o tipo de agressão supramencionado: o *outing*, que consiste em partilhar segredos ou informações constrangedoras sobre alguém.

Já o *cyberbullie* adicto, tem prazer nas ações que pratica, daí ser considerado um tipo de causa mais grave do que a anterior. Este poderá ter começado as agressões da mesma forma que o *cyberbullie* acidental, mas posteriormente sente prazer pela prática e continua a perpetrá-la reiteradamente (Pinheiro, 2009).

1.13. Efeitos do cyberbullying

Assim como o *bullying*, o *cyberbullying* apresenta efeitos nocivos para os envolvidos, sendo estes relativamente similares ao do *bullying*, como o aumento da ansiedade e depressão, abandono escolar, redução do rendimento escolar e o pensamento de cometer suicídio ou homicídio (Fleming & Jacobsen, 2010).

A frisar que a vítima poderá nunca conseguir remover verdadeiramente um conteúdo seu do ciberespaço, visto que uma imagem quando é colocada na rede social, esta pode ser guardada, copiada e partilhada por toda a rede, ficando eternamente no mundo virtual (Matos et al., 2009).

1.14. Do bullying ao Cyberbullying

Encobertos por detrás de um ecrã, ficamos no anonimato, o que torna mais fácil o envio de mensagens ou conteúdos ofensivos a alguém sem o medo de sofrer represálias (Glatzer, 2009).

E de facto, o anonimato permite que as vítimas que anteriormente sofreram de *bullying* se retaliem contra o agressor sem que esta perceba quem é o remetente das mensagens insultuosas. E realmente, as vítimas que tendem a sofrer de *bullying*, poderão continuar a sofrer no *cyberbullying*, mas também aparecem como agressores. (Beran & Li, 2007).

A instantaneidade, juntamente com o anonimato, a invisibilidade percebida pelo agressor e a falsa crença de impunidade dos seus atos, leva a que os autores do crime pensem que os seus atos praticados no ciberespaço não tenham qualquer consequência (Garcez, 2014).

Este tipo de violência poderá ser visto como uma continuação do fenómeno do *bullying*, transpondo assim os muros do estabelecimento de ensino e penetrando na vida da vítima nos diversos outros contextos sociais (Matos et al., 2011).

1.15. Cyberbullying em contexto universitário

Segundo Cruz (2011), são as raparigas que usualmente aparecem como vítimas de atos tipificados como *cyberbullying*, e os rapazes aparecem como os *cyberbullies*.

Como supramencionado, o *bullying* e o *cyberbullying* partilham aspetos semelhantes, como a intimidação que é usada em ambos os casos e características particulares, como a apropriação de imagem, que é da exclusividade do *cyberbullying*.

Segundo Finn (2004), em um estudo levado a cabo na universidade de New Hampshire (N=339), concluiu que cerca de 10 a 15% relatou ter recebido mensagens e correio eletrónico de pessoas que conheciam ou não, cujo o conteúdo era ofensivo, designadamente, insultos e/ou ameaças. Cerca de 14% admitem ter recebido e-mails

ameaçadores por parte de desconhecidos e cerca de 13% através de mensagens. Já 58,7% recebeu pornografia não solicitada, podendo constituir um ato de assédio.

Outro estudo realizado em contexto universitário, concluiu que a forma mais usual para praticar *cyberbullying* surge através do telemóvel (45%), facebook (56%) e por mensagens instantâneas (43%). E ainda concluíram que (54%) dos inquiridos conheciam alguém que foi vítima de *cyberbullying* (Walker, 2011).

Estudos como o de Dilmaç (2009), apontam que é no género masculino que prevalece mais os comportamentos tipificados como sendo *cyberbullying*, todavia, é no género feminino que se verifica um maior número de vítimas e também agressor-vítima.

Num estudo realizado por Inês branco et al. (2017), conclui que perto de 77% das vítimas era do género feminino e apenas 23% era do género masculino. Já nas agressões, é o género masculino que sobressai com 38% contra apenas 25% do género feminino, fazendo assim o género masculino mais agressor e o feminino mais vítima de agressões. 29,6% admitiu ainda que estas situações de *cyberbullying* se deram no ensino superior.

Em Portugal, num estudo realizado por Francisco, veiga Simão, Ferreira e Martins (2015), com um total de 519 participantes, consideram que o *cyberbullying* é um “lado escondido pelos estudantes” e que estes subestimam o fenómeno – visto que 27.94% já foi vítima de *cyberbullying* em alguma altura da sua vida, contra apenas 8% de agressores, assim como demonstram outros estudos (Li, 2006; Dilmaç, 2009).

Concluíram, que no ensino superior, existe mais vítimas de intimidação (27,55%) do que os de apropriação de imagem (9,25%) e que os agressores relataram que as vítimas eram normalmente do género masculino, enquanto o género feminino e as vítimas relataram que usualmente os agressores eram compostos por grupos mistos, seguido o género masculino (Li, 2008).

PARTE II – Estudo Empírico

2.1. Objetivos gerais do estudo

Este estudo tem como objetivo verificar a prevalência do fenómeno bullying e cyberbullying no ensino superior, designadamente, com amostras recolhidas nas universidades do Porto. Posteriormente perceber as proporções do fenómeno com base nos dados e conclusões obtidos neste estudo, para assim apoiar futuros planos de prevenção e intervenção.

2.2. Principais objetivos do estudo

Os principais objetivos consistem: Conhecer a realidade do fenómeno e a prevalência do bullying e do cyberbullying nas universidades do Porto; Obtenção de dados atualizados sobre o fenómeno no ensino superior; Perceber o número de inquiridos que consideram ser vítimas, agressores ou agressores-vítimas; contribuir para futuras investigações, projetos de prevenção e intervenção, com vista a mitigar o fenómeno.

2.3. Metodologia

Segundo Karl Popper (1959), o método, é uma forma de conduta com vista a conhecer uma realidade que se pretende estudar, auxiliando na seleção, na observação, na recolha e nas análises dos resultados.

A metodologia utilizada para este estudo é o método quantitativo, que segundo Creswell (1998) - "...é caracterizado pela ausência do pesquisador no terreno, que trabalha com dados estatísticos e com questionários/inquéritos...".

2.4. Amostra

Com a aplicação deste estudo, espero alcançar uma amostra de 500 questionários de alunos que frequentem alguma das universidades do Porto, de qualquer área de estudo e independentemente do ano em que frequentam.

2.5. Instrumento

O instrumento usado para a realização deste estudo empírico consiste na aplicação de um questionário aos alunos do ensino superior das diversas universidades do Porto.

Para suporte na realização do questionário, este é baseado na teoria estudada e também foram adaptados e baseados nos seguintes questionários existente: ABRAPIA (*cit. In* Bandeira, 2009); Veiga Simão e Martins (*cit. In* Branco, 2017).

Em todas as questões existe uma opção de resposta aberta, como aconselha Hill e Hill (*cit. In* Albernaz, 2016) para “melhor conhecer o fenómeno e obter posicionamentos diferentes”.

2.6. Procedimento

O procedimento adotado para a realização deste estudo consiste em 5 fases, sendo elas:

1. Estudar e aprofundar conhecimentos científicos sobre o fenómeno do bullying e cyberbullying;
2. Formular possibilidades consoante a literatura existente;
3. Realização do questionário, com o devido parecer da comissão de ética;
4. Aplicação do questionário presencialmente e online, a alunos que frequentem o ensino superior, designadamente, uma das universidades do Porto.
5. Análise de dados obtidos através dos questionários e verificar se estes estão em conformidade com a literatura científica existente.

2.7. DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Após a análise dos dados obtidos, é expectável que o estudo possua as mesmas conclusões que outros estudos existentes na comunidade científica, designadamente:

1. O fenómeno do bullying e cyberbullying tende a diminuir em níveis de escolaridade superiores;
2. O tipo de bullying que prevalece no ensino superior é o “relacional”;
3. O sexo masculino está em média relacionado com comportamentos de agressão;
4. O sexo feminino está em média mais relacionado em atos de vitimação;
5. O envolvimento em bullying é um forte preditor para um futuro envolvimento em cyberbullying.

CONCLUSÃO

Como vimos, tanto o *bullying* como o *cyberbullying* são dois fenômenos violentos presentes na nossa sociedade, transversal a todos os níveis de escolaridade com efeitos nefastos para a vida dos envolvidos.

O que nos leva a todos nós, enquanto sociedade, intervir e prevenir em ambos os fenômenos, para que não se tolere a violência em geral, ainda menos a violência escolar, visto ser um espaço onde todos os envolvidos, enquanto alunos, usufruam de um bom ambiente escolar para assim obterem os resultados previstos no processo da aprendizagem.

Com este projeto, numa primeira estância, espero verificar a prevalência do fenômeno do *bullying* e do *cyberbullying* no ensino superior, para posteriormente ser possível realizar projetos de prevenção que visem mitigar o problema.

Neste projeto, a inclusão da temática do *cyberbullying*, deu-se com a necessidade de perceber se este aparece como um ato isolado ao *bullying* ou se este é uma continuação do mesmo.

Com os resultados obtidos, espero estar em conformidade com literatura existente e que estes sirvam para futuras referências para outros projetos e planos, com dados atualizados para assim intervir, prevenir e controlar ambos os fenômenos.

Bibliografia

Abrapia. (2007). *Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes*. [Em linha]. Disponível em <http://www.abrapia.org.br/homepage/bullying/Bullying.htm/> [Consultado em 10/07/2021].

Amado, J. e Freire, I. (2002). *Indisciplina e violência na escola, compreender para prevenir*. Porto, Edições Asa.

Albernaz, A. (2016). *Bullying no ensino superior: Diálogos com educação social e educação em direitos humanos: reflexões para intervenções*. [Em linha]. Disponível em <https://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/1706/1/Disserta%0c3%a7%0c3%a3o%20ANA%20ALBERNAZ.pdf> [Consultado em 10/07/2021].

Albernaz, A., Seixas, S. e Madeira, M. (2017). *Memórias de bullying na trajetória escolar dos estudantes da licenciatura em biologia: caminhos investigativos para a educação social*. [Em linha]. Disponível em <https://revistas.rcaap.pt/uiips/article/download/14529/10914/45070> [Consultado em 18/06/2021].

APAV. (2011). *Manual crianças e jovens vítimas de violência: compreender, intervir e prevenir*. Lisboa.

APAV. (2020). *Folha informativa Bullying*. [Em linha]. Disponível em https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/FI_Bullying_2020.pdf [Consultado em 02/06/2021].

Aricak, O. (2009). *Psychiatric Symptomatology as a Predictor of Cyberbullying among University Students*. [Em linha]. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/279559688_Psychiatric_Symptomatology_as_a_Predictor_of_Cyberbullying_among_University_Students [Consultado em 12/06/2021].

Ballone, G. e Moura, E. (2008). *Biologia da agressão*. Artigos Psiqweb.

Bandeira, C. (2009). *Bullying: Autoestima e diferenças de género*. [Em linha]. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/23014/000741093.pdf> [Consultado em 22/06/2021].

Beane, A. (2006). *A sala de aula sem bullying*. Porto, Porto editora.

Boulton, M. e Smith, P. (1994). *Bully/Victim problems in middle-school children: Stability, self-perceived competence, peer perceptions and peer acceptance*. [Em linha]. Disponível em <https://doi.org/10.1111/j.2044-835X.1994.tb00637.x> [Consultado em 12/06/2021].

Branco, I. (2017). *Cyberbullying – Ocorrência em meio universitário e diferenças de género*. [Em linha]. Disponível em https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/6034/1/DM_In%C3%AAs%20Jesus%20Branco.pdf [Consultado em 12/07/2021].

Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre, Artes Médicas.

Cardoso, N. (2009). *O Jogo dramático na prevenção do bullying – Algumas Experiências de intervenção da APAV*. [Em linha]. Disponível em <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/407> [Consultado em 03/06/2021].

Carvalhosa, S., Domingos, A. e Sequeira, C. (2010). *Modelo lógico de um programa de intervenção comunitária – GerAcções*. [Em linha]. Disponível em <http://publicacoes.ispa.pt/publicacoes/index.php/ap/article/viewFile/319/pdf> [Consultado em 15/07/2021].

Cervera, A. e Rojo, J. (2005). *El mobbing o acoso laboral*. Madrid, Tebar.

Chapell, M. et alii. (2004). *Bullying in college by students and teachers*. [Em linha]. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/8478669_Bullying_in_college_by_students_and_teachers [Consultado em 13/06/2021].

Chisholm, J. (2014). *Review of the status of cyberbullying and cyberbullying prevention*. [Em linha]. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/318300551_Review_of_the_status_of_cyberbullying_and_cyberbullying_prevention [Consultado em 11/07/2021].

Cruz, A. (2011). *O cyberbullying no contexto português*. [Em linha]. Disponível em <https://run.unl.pt/bitstream/10362/5958/1/disserta%20c3%a7ao%20mestrado%20cyberbullying.pdf> [Consultado em 09/06/2021].

Dilmaç, B. (2009). *Psychological needs as a predictor of cyberbullying: A preliminar report on college students*. [Em linha]. Disponível em <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ858926.pdf> [Consultado em 16/06/2021].

DL n°401/82, de 23 de setembro. *Regime penal aplicável a jovens delinquentes*. [Em linha]. Disponível em http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=226&tabela=leis [Consultado em 15/07/2021].

DL n°48/95. *Código penal*. [Em linha]. Disponível em <https://dre.pt/legislacao-consolidada/-/lc/107981223/201708230100/indice> [Consultado em 10/07/2021].

Fernandes, L. e Seixas, S. (2012). *Plano Bullying: como apagar o bullying na escola*. Lisboa, Plátamo Editora.

Finn, J. (2004). *A survey of online harassment at a university campus*. [Em linha]. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1177/088626050> [Consultado em 10/07/2021].

Fleming, L. e Jacobsen, K. (2010). *Bullying among middle-school students in low and middle income*. [Em linha]. Disponível em <https://academic.oup.com/heapro/article/25/1/73/665436> [Consultado em 15/06/2021].

Francisco, S. (2012). *A faceta de um fenómeno em jovens universitários portugueses*. [Em linha]. Disponível em https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8031/1/ulfpie043077_tm_tese.pdf [Consultado em 07/04/2021].

Francisco, S. et alii. (2015). *Cyberbullying: The hidden side of college students*. [Em linha]. Disponível em <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0747563214005688> [Consultado em 15/06/2021].

Gisi, M. e Ens, R. (2011). *Bullying nas escolas – Estratégias de intervenção e formação de professores*. Brasil, editorial UNIJUL.

Haber, J. e Glatzer, J. (2009). *Bullying – Manual anti-agressão*. Alfragide, Casa das letras.

Hazeler, R. (1996). *Breaking the cycle of violence: Interventions for bullying and victimization*. [Em linha]. Disponível em <https://books.google.pt/books?id=I-bJpCcWocwC&lpg=PR9&ots=5N4nLC4hv3&dq=info%3AGNa7DXNTri0J%3Ascholar.google.com&lr&pg=PP1#v=onepage&q&f=false> [Consultado em 03/06/2021].

Lagerspetz, k. e kaukiainen, A. (1992). *Do girls manipulate and boys fight? Developmental trends in regard to direct and indirect aggression*. [Em linha]. Disponível em [https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/1098-2337\(1992\)18:2%3C117::AID-AB2480180205%3E3.0.CO;2-3](https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/1098-2337(1992)18:2%3C117::AID-AB2480180205%3E3.0.CO;2-3) [Consultado em 11/06/2021].

Lanza, F. (2017). *Pesquisas em ciências humanas e sociais*. [Em linha]. Disponível em <http://www.uel.br/laboratorios/religiosidade/pages/arquivos/LERR-Handbook-instrucoesmetodologicas.pdf> [Consultado em 19/07/2021].

Lei tutelar educativa (1999). [Em linha]. Disponível em <https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-> [Consultado em 15/07/2021].

Lei nº109/2009. Lei do cibercrime. **[Em linha]. Disponível em** http://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=1137&tabela=leis **[Consultado em 18/06/2021].**

Li, Q. (2007). *New bottle but old wine: A research of cyberbullying in schools. Computers in human behavior.* **[Em linha]. Disponível em** <http://dx.doi.org/10.1016/> **[Consultado em 10/07/2021].**

Lima, A. e Alves, A. (2008) *Fenómeno Bullying na universidade.* **[Em linha]. Disponível em:** <http://www.artigonal.com/ensino-superior-artigos/fenomeno-bullying-na-universidade-688751.html> **[Consultado em 03/05/2021].**

Maidel, S. (2009). *Cyberbullying: Um novo risco advindo das tecnologias digitais.* **[Em linha]. Disponível em** <https://revistaselectronicas.ujaen.es/index.php/reid/article/view/1158/980%20maidel%202009> **[Consultado em 02/06/2021].**

Martins, J. e Simões, M. (2019). *Crimes, desvio e risco na adolescência.* Lisboa, edições sílabo.

Matos, A. et alii. (2011). *Agir contra o Cyberbullying – Manual de Formação.* **[Em linha]. Disponível em** <http://www.lasics.uminho.pt/OJS/index.php/lmc/article/view/463/434> **[Consultado em 08/06/2021].**

Middelton, J. e Zawadski, M. (2007). *Bullying: Estratégias de sobrevivência para crianças e adultos.* Porto alegre.

Miranda, M. et alii. (2012). *Conduta de acadêmicos em uma universidade da região amazônica frente ao bullying.* **[Em linha]. Disponível em** revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/download/293/155 **[Consultado em 07/05/2021].**

Neto, A. (2005). *Bullying – comportamento agressivo entre estudantes.* **[Em linha]. Disponível em** <http://www.scielo.br/pdf/%0D/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf> **[Consultado em 09/06/2021].**

Olweus, D. (2003). *A profile of bullying at school*. [Em linha]. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/279570438_A_profile_of_bullying_at_school [Consultado em 15/06/2021].

Olweus, D. (1993). *Bullying at school: What we know and what we can do*. Oxford.

Ortega, R. et alii. (2009). *The emotional impact on victims of traditional bullying and cyberbullying: A study of Spanish adolescents*. [Em linha]. Disponível em <http://files.cyberbullying4.webnode.pt/200000104-af6d7b09b2/Ortega%20et%20al,%202009.pdf> [Consultado em 14/06/2021].

Patchin, J. e Hinduja, S. (2006). *Bullies move beyond the schooldyard: A preliminary look at cyberbullying*. [Em linha]. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/258201014_Bullies_Move_Beyond_the_Schooldyard_A_Preliminary_Look_at_Cyberbullying [Consultado em 22/06/2021].

Pereira, B. (2002). *Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Fundação Calouste Gulbenkian.

Pinheiro, L. (2009). *O cyberbullying em Portugal: uma perspetiva sociológica*. [Em linha]. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9870/1/tese.pdf> [Consultado em 09/06/2021].

Rochex, J. (2003). *Pistas para uma desconstrução do tema “a violência na escola”*. In: Correia, J. e Matos, M. (Ed.). *Violência e violências da e na escola*. Edições Afrontamento.

Schenk, A. e Fremouw, W (2012). *Prevalence, Psychological Impact, and Coping of Cyberbully Victims Among College Students*. [Em linha]. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/233150757_Prevalence_Psychological_Impact_and_Coping_of_Cyberbully_Victims_Among_College_Students [Consultado em 12/06/2021].

Shaffer, D. (1996). *Developmental psychology: Childhood and adolescence*. Thomson Brooks/Cole Publishing Co.

Silva, A e Morgado, M (2011), *Bullying no ensino superior: existe?*, *Revista de iniciação científica*. (Nº3/11).

Walker, C., Sockman, B. e Koehn, S. (2011). *An exploratory study of cyberbullying with undergraduate university students*. [Em linha]. Disponível em <https://link.springer.com/article/10.1007%2Fs11528-011-0481-0> [Consultado em 18/07/2021].

Willar, N. (2005). *Educators guide to cyberbullying and cyberthreats*. [Em linha]. Disponível em <https://education.ohio.gov/getattachment/Topics/Other-Resources/School-Safety/Safe-and-Supportive-Learning/Anti-Harassment-Intimidation-and-Bullying-Resource/Educator-s-Guide-Cyber-Safety.pdf.aspx> [Consultado em 12/07/2021].

ANEXOS

Questionário

IDADE:
SEXO:
UNIVERSIDADE:
ANO:

Por bullying entende-se que consiste em um ato violento **repetitivo, deliberado** contra uma vítima e que existe uma **discrepância de poderes** entre a vítima e o agressor (exemplo: Força, idade).

Por cyberbullying, entende-se que consiste num ato de bullying perpetrado através das TIC (Tecnologias de informação e comunicação).

Assinale com um a **opção** ou **opções** que lhe pareçam mais adequadas. Se nenhuma das opções lhe parecer assertiva, **preencha apenas o espaço (Outros)** ou **acrescente**, juntamente com as opções que lhe são fornecidas. Se não tiver resposta para alguma pergunta, passe para a seguinte.

1) Na sua opinião, existe bullying no ensino superior?

Sim Não

Outros: _____

2) Na sua opinião, quem pratica mais bullying no ensino superior?

Homens Mulheres É igual

Outros: _____

3) Na sua opinião, quem sofre mais de bullying no ensino superior?

Homens Mulheres É igual

Outros: _____

4) Já foi vítima de bullying no ensino superior?

Sim Não

Outros: _____

5) Já assistiu alguém a ser vítima de bullying no ensino superior?

Sim NÃO

Outros: _____

6) Como se sentiu ao ver alguém sofrer de bullying no ensino superior?

Achei que merecia Tive medo Fiquei assustado Ignorei
Fiquei com raiva

Outros: _____

7) O que fez quanto assistiu alguém a sofrer de bullying no ensino superior?

Pedi ajuda Ignorei Eu intervim

Outros: _____

8) Já praticou bullying contra alguém no ensino superior?

Sim Não

Outros: _____

9) Praticou o bullying sozinho ou acompanhado, no ensino superior? se sim...

Sozinho Acompanhado

Outros: _____

10) Os atos de bullying perpetrados contra si no ensino superior, foram de uma ou mais pessoas?

Sozinho Acompanhado

Outros: _____

11) Que tipo de bullying assistiu no ensino superior?

Psicológica violência física Bullying relacional Verbal

Outros: _____

12) Que tipo de bullying praticou no ensino superior?

Psicológica violência física Bullying relacional (Ex: espalhar rumores)
Verbal

Outros: _____

13) Porque acha que sofreu de bullying no ensino superior?

Sempre sofri Porque os agressores não gostavam de mim
Os agressores acham que sou fraca/o

Outros: _____

14) Porque praticou bullying no ensino superior?

Sempre pratiquei Porque não gostava das vítimas Para meter medo
Para mostrar que era forte Porque não gostava de ninguém
Não achava que estava a praticar bullying

Outros: _____

15) Já tinha assistido a atos de bullying em anos anteriores ao ensino superior?

No 1º ciclo No 2º ciclo No 3º ciclo No secundário

Outros: _____

16) Já tinha praticado bullying em anos anteriores ao ensino superior?

No 1º ciclo No 2º ciclo No 3º ciclo No secundário

Outros: _____

17) Porque é que acha que os alunos praticam bullying contra outros no ensino superior?

- O agressor quer provar que é forte Por gozo Porque a vítima merece
Porque a vítima é estranha/o A vítima provoca
Eles fazem aquilo com toda a gente O agressor tem problemas familiares
Por causa da orientação sexual da vítima

Outros: _____

18) Na sua opinião, quais são os fatores que desencadeiam a ocorrência de atos de cyberbullying no ensino superior?

- Pelos mesmos motivos assinalados na questão anterior
Por causa do anonimato que as tecnologias permitem
Por vingança de bullying sofrido Por gozo
Por causa da orientação sexual da vítima
Única forma de a vítima retaliar contra o agressor

Outros: _____

19) Que meio utilizou para praticar cyberbullying?

Telemóvel Facebook Mensagens instantâneas E-mail
Computador Instagram Tiktok Twitter Whatsapp
Facebook Messenger Youtube

Outros: _____

20) Praticou cyberbullying à mesma pessoa no mesmo período de tempo que sofria bullying por si?

Sim Não

Outros: _____

21) Que meio o agressor usou para lhe praticar cyberbullying?

Telemóvel Facebook Mensagens instantâneas E-mail
Computador Instagram Tiktok Twitter Whatsapp
Facebook Messenger Youtube

Outros: _____

22) O mesmo agressor ou grupo de agressores do qual foi vítima, usou o ciberespaço para continuar com as agressões?

Sim Não

Outros: _____

23) Sabia a definição de bullying e cyberbullying antes de responder a este questionário?

Sim Não Só sabia a definição de bullying
Só sabia a definição de cyberbullying

Outros: _____

Se tiver observações sobre o questionário ou algo que lhe pareça pertinente, escreva aqui: _____
